

Da reflexão sobre pós-verdade e *fake news* à análise sobre a revista *piauí* e a agência *Lupa*

SANTOS, Kássia Nobre dos. **Em busca da credibilidade perdida**: a rede de investigação jornalística na era das *fake news*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019. 164 páginas.

Otávio Daros

Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em cooperação com a Universidade de Bremen. *Fellow* do Laboratório de História da Comunicação e Mudança da Mídia, na Universidade de Bremen.

E-mail: otavio.daros@gmail.com

Grandes nomes das áreas de jornalismo e comunicação têm se ocupado recentemente da reflexão sobre *fake news* e pós-verdade, como Eugênio Bucci (2019) e Lucia Santaella (2018). Lançado em 2019, o livro de Kássia Nobre dos Santos, apresentado como tese no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pretende contribuir para a discussão teórica sobre o tema, ao mesmo tempo que oferece pesquisa empírica, com a análise de dois casos. *Em busca da credibilidade perdida: a rede de investigação jornalística na era das fake news* analisa os processos de produção de reportagens na revista *piauí*, bem como os processos de checagem de informações na agência *Lupa*. São projetos autônomos, embora mantenham parceria entre si e com o jornal *Folha de S. Paulo* e com o portal *UOL*. Sua tese é que “o jornalismo está em crise, mas devido a essa instabilidade, pilares fundamentais da profissão — a apuração aprofundada e a checagem — foram resgatados e valorizados a partir da criação de novos modelos de trabalho e, conseqüentemente, novos modelos de negócio” (SANTOS, 2018, p. 10).

O livro está dividido em seis capítulos, incluindo considerações finais. Na introdução (p. 11-18, 2019), a autora lança breve contextualização traçando, de modo tímido, a relação entre a crise financeira dos jornais e das revistas e a crise de credibilidade enfrentada pelo próprio jornalismo. Depois, ela apresenta sua linha de trabalho — o estudo sobre os processos de produção do jornalismo —, informando que tomará como referência teórico-metodológica o trabalho de sua orientadora Cecília Salles (2007), por sua vez, interessada na reflexão dos processos criativos. No que tange especificamente à metodologia, sua análise trabalha com “documentos de processos”, isto é, o conjunto de “registros materiais do processo criador”, como depoimentos de jornalistas (SALLES *apud* SANTOS, 2008, p. 13).

No segundo capítulo, Santos revisa os autores que trataram do surgimento dos jornais, no contexto amplo global, a produção da reportagem, no contexto específico brasileiro, e as transformações que ocorreram neste cenário após o advento da internet e, conseqüentemente, dos sites de redes sociais, retornando ao contexto global. Trata-se de uma revisão sem intervenção crítica, dando a entender, por exemplo, que autores como Nelson Werneck Sodré, Muniz Sodré, Nilson Lage, José Marques de Melo, Bernardo Kucinski, Cremilda Medina, Ciro Marcondes e Felipe Pena compartilham todos de visões semelhantes ou complementares sobre

a evolução da imprensa e do jornalismo. Esta conduta acrítica torna-se prejudicial, pois reduz ou ignora as diferenças entre eles, e força um único diálogo entre suas abordagens teóricas e históricas, que não pretendem ser semelhantes. Uma revisão com intervenção crítica sobre a matéria consistiria, por exemplo, em captar a ideia específica que cada pensador cultivou sobre o jornalismo, assim como analisar os marcos históricos sobre a imprensa com que cada um trabalhou.

Santos passa então para o capítulo dedicado à revisão teórica sobre pós-verdade e *fake news* (p. 41-60). A autora revisa autores como Christian Dunker, Matthew D'ancona, Eugênio Bucci e Carlos Castilho. De modo positivo, trabalha com referências nacionais e estrangeiras, demonstrando possuir conhecimento sobre a literatura especializada. Contudo, ela repete o mesmo problema visto no capítulo anterior: usa referencial teórico numeroso, sem situar cada autor em seu respectivo contexto acadêmico ou analisar minuciosamente o conceito que cada um está propondo, por exemplo, indicando qual é o avanço ou o retrocesso em jogo. Optando por combinar tais visões, em vez de ajuíza-la, Santos parte para o desenvolvimento de seu argumento ao longo do capítulo. Argumenta que os sites de redes sociais restringiram a atuação até então hegemônica da “mídia como porta-voz da informação”. Segundo ela, os chamados fenômenos de pós-verdade e notícias falsas seriam consequências desta nova dinâmica gerada pela internet.

A pesquisa, no sentido empírico, está concentrada no quarto capítulo (p. 61-112) — a principal seção do livro. Valendo-se de depoimentos, a autora buscou compreender a rotina produtiva/criativa de cada repórter da *piauí*. Em comum, eles informaram que desfrutaram de longo tempo para a produção das reportagens. De modo favorável à pesquisa, Santos expôs com detalhe o relato dos profissionais entrevistados. Por outro lado, sua análise não permitiu, por exemplo, mergulhar no jogo de contradições entre os relatos dos profissionais e a prática jornalística, ou explorar a experiência criativa individual com a dinâmica produtiva coletiva, na qual estão inseridos. Ou ainda nas palavras de Salles, trabalhar com “a dialética entre os limites materiais dos documentos e a ausência de limites do processo; conexões entre aquilo que é registrado e tudo o que acontece, porém não é documentado” (SALLES, 2007, p. 17).

O quinto capítulo, voltado à agência *Lupa* (p. 113-146), não se vale de devida interpretação sobre o material examinado. A autora propõe uma contextualização oportuna sobre as iniciativas de checagem nos Estados Unidos. Sua referência é o trabalho de Lucas Graves, professor da Universidade de Wisconsin-Madison. Porém, não desenvolve análise minuciosa sobre os processos produtivos/criativos dos jornalistas da agência brasileira, o que exigiria, por exemplo, acompanhá-los e analisar seu trabalho no espaço organizacional. Em vez disso, ela trabalha com o depoimento da criadora da agência e com documentos eletrônicos complementares. Ou seja, lida com uma visão particular para dar conta de todo o processo produtivo/criativo de diversos atores. Logo o que a autora oferece é, mais precisamente, uma descrição sobre o modelo de negócio adotado pela agência e sua metodologia de checagem.

Por fim, nas considerações (p. 147-152), Santos reflete sobre o papel do jornalismo numa sociedade democrática. A autora traz à discussão Edgar Morin e Marcia Tiburi para abordar, respectivamente, o pensamento complexo e o autoritarismo brasileiro. Apesar da iniciativa reflexiva, a autora embarca em uma discussão demasiadamente ampla, não favorecendo a reflexão específica sobre seus achados: os jornalistas como produtores de informação/agentes criativos que atuam nestes dois “novos” empreendimentos. Apesar dos percalços apontados, não se pode ignorar seu mérito propositivo, de buscar novas perspectivas para o problema instalado, indicando potencialidades a serem estudadas, em vez de se fechar em discussão apocalíptica, como historicamente se viu em nossa área (ver SERVA, 2001; KUCINSKI, 2004).

Referências

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Editora UNESP, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2018.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** 3 ed. São Paulo: Intermeios, 2007.

SANTOS, Kassia Nobre dos. **Em busca da credibilidade perdida: a rede de investigação jornalística na era das *fake news*.** 2018. 134 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) — Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, Kassia Nobre dos. **Em busca da credibilidade perdida: a rede de investigação jornalística na era das *fake news*.** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação.** São Paulo: Editora Senac, 2001.